



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

OS ENSINAMENTOS DA ASSEMBLEIA DE DEUS PARA O FEMININO E SUAS IMPLICAÇÕES NO COTIDIANO DE MULHERES TECELÃS¹

*The teachings of the Assembly of God for the female
and its implications in daily life of women weavers*

Edla Eggert²
Amanda Motta Angelo Castro³

Resumo: Este artigo é parte de uma pesquisa de mestrado realizada num ateliê de tecelagem localizado em Alvorada, RS, entre 2009 e 2010 e buscou analisar os ensinamentos da Assembleia de Deus transmitidos no cotidiano da tecelagem por meio da tecelã Algodão, fiel da referida igreja. Identificamos como essa tecelã transmitia os ensinamentos sobre as feminilidades no espaço da tecelagem e quais as implicações disso no cotidiano da tecelagem. A pesquisa foi realizada com base na metodologia da observação participante e entrevistas individuais com gravações de áudio e vídeo, anotações em diário de campo e fotografias. Nossa análise foi realizada com base nos estudos feministas e pedagógicos relacionados à observação detalhada de todo o material recolhido. Os ensinamentos dessa igreja sobre as mulheres foram transmitidos por meio de palavras bíblicas, orações, conversas informais e, sobretudo, durante o “momento devocional”. Essa liderança foi um lugar construído pela tecelã Algodão, diferente da sua presença na igreja, onde às mulheres cabe a discrição e a obediência. Discretamente e fora da igreja, que exclui as mulheres e as coloca “abaixo” do masculino, a tecelã Algodão produziu um lugar para exercer a função de propagadora do evangelho, criando um espaço de ensino através da pedagogia da não formalidade.

Palavras-chave: Educação. Pedagogia da não formalidade. Gênero. Feminismo.

¹ O artigo foi recebido em 31 de agosto de 2011 e aprovado em 2 de abril de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre/RS, Brasil, doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo/RS, Brasil, é atualmente professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo/RS, Brasil. Pesquisa processos do conhecimento realizados por mulheres no campo do artesanato. Contato: egbert@terra.com.br

³ Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo/RS, Brasil, doutoranda de Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, e bolsista da CAPES. Pesquisa o tema da Educação e Gênero no cotidiano de artesãos/os gaúchos e mineiros. Contato: motta.amanda@terra.com.br

Abstract: This paper is part of a Master research carried out at a weaving workshop in Alvorada, Rio Grande do Sul, between 2009 and 2010 and it intended to analyze the teachings of transmitted in the weaving daily through the weaver called Cotton, a faithful woman of this Church. We identify how this weaver used to transmit the teachings about femininities on the space of the weaving and what are the implications in daily work. The research was conducted based on methodology of participant observation and individual interviews with video and audio recordings, notes in a field diary and photos. Our analysis was performed based on feminist and pedagogical studies related to the detailed observation of all the collected material. The teachings of this Church about women were transmitted through biblical words, prayer, informal conversations, and especially during the “devotions”. This leadership was a place built by the weaver called Cotton, different from her presence at the Church, where it is for women discretion and obedience. Discreetly and outside the Church, which excludes women and put them “below” male, the weaver Cotton produced a place to exercise the function as propagator of the Gospel, creating a teaching space through the pedagogy of non-formality.

Keywords: Education. Pedagogy of Non-Formality. Gender. Feminism.

Introdução

Nossa pesquisa⁴ permeou um espaço específico onde fios são tramados no cotidiano de um ateliê de tecelagem, através de uma arte milenar desenvolvida até os dias de hoje: a tecelagem.

A empiria, segundo Hilton Japiassú⁵, é uma experiência bruta que vem antes de qualquer elaboração no campo do conhecimento. Constitui, portanto, o que vem antes da intervenção racional, da fundamentação teórica e da sistematização. Nesta dissertação, temos uma pesquisa empírica que ocorreu num ateliê de tecelagem.

Nossa pesquisa ocorreu em Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, onde o referido ateliê está localizado. Alvorada⁶ emancipou-se no dia 17 de setembro de 1965, conforme a Lei Estadual nº 5026, e acredita-se que o nome da cidade seja uma referência ao seu povo, constituído em sua maioria por trabalhadores que acordavam nas primeiras horas da manhã para trabalhar na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Com 72,9 km², e área urbana legal de 52 km², o município é um dos menores do estado e sua economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços. A maioria da população trabalha no

⁴ Sabemos que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Nesta pesquisa, optamos por identificar as tecelãs por tecidos, a partir da classificação de tecidos possíveis de tramar (algodão, linho, lã, seda, tafetá, sarja, cetim), segundo a autora Dinah Bueno Pezzolo.

⁵ JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

⁶ As informações obtidas sobre Alvorada foram pesquisadas no site <www.alvorada.rs.gov.br>. Acesso em: 08 out. 2009.

município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua população, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 2008, conta com 211.233 habitantes.

No período de 1991-2000, o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH de Alvorada cresceu 7,26%, e passou de 0,716 para 0,768 em 2000, segundo a classificação do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD. O crescimento do IDH de Alvorada, de acordo com o PNUD, ocorreu principalmente através da educação.

Em relação aos outros municípios do Rio Grande do Sul, Alvorada ocupa a 308ª posição, sendo que 307 municípios (65,7%) estão em situação melhor e 159 municípios (34,3%) estão em situação pior ou igual. A renda *per capita* é de R\$ 214,75.⁷

Para atender a população, Alvorada possui hoje 57 estabelecimentos de ensino públicos e privados, sendo 45 de ensino infantil e fundamental, 11 de ensino médio e um de ensino superior (privado). Na área da saúde, conta com um hospital público e mais 34 estabelecimentos de saúde entre públicos e privados⁸.

Para melhor conceituar o lugar que pesquisamos, faremos uma descrição do local. Após sairmos de Porto Alegre, de ônibus, levamos em torno de 50 minutos, de carro o trajeto fica em torno de 30 minutos. Chegamos à avenida principal de Alvorada e, em mais uns dez minutos, chegamos ao ateliê. Uma pequena casa de madeira com cinco cômodos, sendo um para o tingimento dos fios, um para guardar as peças prontas, uma pequena cozinha – onde as mulheres se reúnem pela manhã e pela tarde para o cafezinho –, um cômodo para guardar os fios e outro onde estão os teares pequenos; sendo que os teares grandes ficam ao longo do quintal. O espaço do ateliê parece um tanto precário, mas não há dúvida de que esse lugar possui uma “boniteza”. Durante o trabalho era possível ouvir os passarinhos cantando; há muitas árvores ao redor do quintal, que dão abrigo a eles e sombra para o ateliê. Por vezes, quando chove, ao chegar ao portão, podemos sentir o cheiro bom de terra molhada.

Nesse lugar, mulheres “ganham a vida” fazendo arte, entre tramas e fios, uma arte milenar. A tecelagem é uma das formas mais antigas de artesanato presente nos dias atuais. No ateliê, os fios e as tramas ganham forma e cores num processo de criação e produção, encantador.

No cotidiano do ateliê, hoje – final do ano de 2010 –, estão trabalhando sete mulheres tecelãs, de segunda à sexta, em turno integral, das oito da manhã às seis da tarde, produzindo peças de vestuário feminino e produtos para casa. Para a realização desse trabalho, estão organizadas em uma cooperativa⁹.

⁷ Informações disponíveis em: <www.epidemiologia.ufpel.org.br/proesf/alvorada.pdf>; <<http://www.caminhos.ufms.br/matrizedados/rs/alvorada.html>>. Acesso em: 29 jun. 2010.

⁸ Informações disponíveis em: <<http://www.alvorada.rs.gov.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2009.

⁹ As informações obtidas sobre cooperativismo foram pesquisadas no site da Receita Federal: <www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm>. Acesso em: 10 ago. 2009.

O cooperativismo¹⁰ representa a união entre pessoas voltadas para um mesmo objetivo. Uma organização dessa natureza caracteriza-se por ser gerida de forma democrática e participativa, de acordo com aquilo que pretendem seus associados. As sociedades cooperativas estão reguladas pela Lei nº 5.764, de 1971, que definiu a Política Nacional de Cooperativismo.

Com poucas opções de trabalho e para evitarem o longo trajeto de deslocamento até a capital, onde muitas mulheres de Alvorada trabalham – sobretudo nas atividades do comércio, serviços gerais e em casas de família como empregadas domésticas –, algumas trabalhadoras buscaram na tecelagem uma forma de sustento, tanto para elas como para suas famílias. Várias dessas mulheres são chefes de família.

Metodologia

É importante salientar que nossa metodologia também aponta nosso compromisso com o feminismo, portanto uma metodologia de mudança e transformação. Conforme Eggert:

O compromisso de uma metodologia de pesquisa feminista é conseguir perceber na “outra” pesquisada uma cúmplice da descoberta de nós mesmas. Somos sujeitos capazes de transformar determinada realidade/pesquisa e nos transformarmos. A pesquisa feminista identifica propositalmente a relação sujeito-sujeito como sendo o elo diferencial das demais posturas neutralizantes na pesquisa¹¹.

Entendemos que esta pesquisa e as metodologias que foram utilizadas deixaram marcas em ambas: nas mulheres pesquisadas e em nós mesmas. A pesquisa ocorreu por meio da observação participante e entrevistas que buscaram resgatar as histórias de vida das mulheres pesquisadas. Uma boa ciência é feita com uma boa observação e registro. A observação participante foi a metodologia mais usada nesta pesquisa, portanto permeia todos os momentos da mesma. Durante um ano, nossa presença foi constante, observando, ajudando as mulheres no que sabíamos fazer, aprendendo a tecer juntamente com elas. Tivemos conversas informais na sala de produção, fotografias, filmagens. Após um dia de observação, era feito o registro no diário de pesquisa.

A observação participante, muito desenvolvida pela antropologia, foi retomada na educação popular. Na área da educação, podemos citar os estudos realizados pelo antropólogo Brandão¹². Essa metodologia nos levou a partilhar do cotidiano e nos

¹⁰ Salientamos que, embora as mulheres do ateliê estejam organizadas por meio de uma cooperativa, o cooperativismo não será tema da nossa pesquisa. Entendemos ser pertinente o esclarecimento que não será trabalhado aqui a questão do cooperativismo, visto que esse é um campo acadêmico consolidado com pesquisas importantes sobre esse tema.

¹¹ EGGERT, Edla. *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 20.

¹² BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos*, a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

abriu outras opções metodológicas. Isso porque, segundo Brandão: “A observação participante, que obriga à partilha da vida do/com o outro (sic), e que nos envolve e faz se completarem estratégias (ou técnicas, se quiserem) de coleta de dados, como registro etnográfico em diários de campo, a entrevista, a história de vida, a exegese do visto e do ouvido (...)”¹³.

Durante nossa pesquisa, por meio da observação, participamos envolvendo-nos no cotidiano do ateliê. E, sem dúvida, esses momentos foram extremamente ricos para que mais tarde pudéssemos escrever sobre nossa partilha. Portanto, esta dissertação foi escrita com partilha, na medida em que pesquisávamos e éramos, a princípio, “as estranhas” no grupo. As mulheres nos acolheram e ali estávamos na prática, afirmando os escritos de Paulo Freire¹⁴, que nos ensinou que não há saberes maiores, sabemos coisas diferentes, mas não mais importante que algum outro saber.

Segundo Alves-Mazzotti¹⁵ e Triviños¹⁶, a observação participante envolve três etapas: aproximação da instituição e estabelecimento de vínculos; realização da observação no contexto dos sujeitos para a coleta de dados; registro posterior aos acontecimentos ocorridos durante a observação, como: comportamentos, ações e diálogos observados.

Em nossa pesquisa, a observação participante foi uma proposta metodológica fundamental. De acordo com Brandão¹⁷, a pesquisa requer partilha. Por esse motivo, acompanhamos o cotidiano do ateliê, participamos do grupo de oração no início dos trabalhos, do momento “devocional”, das conversas sobre tecelagem, família e vida. Através dessa metodologia, temos material coletado durante as observações participantes realizadas no ateliê no período de 2009 e 2010.

A metodologia de entrevista individual, muito utilizada em pesquisas qualitativas, também foi usada. Para Rosália Duarte¹⁸, entrevistas são fundamentais, quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças e valores. Diante disso, entendemos que essa metodologia foi fundamental. A esse respeito, Minayo¹⁹ afirma que:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores (sic) sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores (...) Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que refor-

¹³ BRANDÃO, 2003, p. 293.

¹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

¹⁵ ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

¹⁶ TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

¹⁷ BRANDÃO, 2003.

¹⁸ DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. In: *Revista Educar*, Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

¹⁹ MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa social*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 80.

ça a importância da linguagem e do significado da fala. Já num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.²⁰

Sabemos que a entrevista requer que sejamos boas entrevistadoras para que, de fato, tenhamos possibilidade de não apenas ouvir, mas ouvir de forma ativa. Ouvir atentamente, demonstrar interesse na fala da entrevistada e participar da entrevista com gestos que façam com que a entrevistada perceba que está sendo ouvida. Sobre isso, José Magnani²¹ destaca que:

Além de ouvir, o pesquisador precisa ficar atento às expressões utilizadas pelo entrevistado, pois ele pode simular palavras e conceitos que não são utilizados no seu dia a dia, tentando mostrar aquilo que ele acha que o entrevistador quer ouvir. É por isto que nem tudo deve ser entendido como verdade, mas pode e deve ser analisado frente aos demais discursos e conceitos que embasam o trabalho²².

Entendemos que a observação participante no ateliê foi um elemento facilitador para a realização das entrevistas. Como estávamos constantemente no ateliê, nossa aproximação junto às mulheres foi um fator fundamental para que elas pudessem falar conosco. Portanto, as narrativas das mulheres foram coletadas ora nas observações participantes, ora no momento das entrevistas.

Gênero e religião: Entre a mística e o pensamento mágico

Gênero é sempre influenciado por fatores sociais, como raça, etnia, cultura, classe social e idade (Fiorenza)²³, e segundo Gebara²⁴, é também influenciado pela religião. “Gênero quer dizer, entre outras coisas, falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e de outro lado, num caráter que vai além do biológico, porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião.”²⁵

Pensar na articulação entre educação, gênero e religião é “andar na contramão”. Sabemos que o campo religioso vem sendo escrito, pensado e dominado pelo masculino há séculos (Gebara²⁶, Nunes²⁷). Logo, pensar, pesquisar e escrever sobre

²⁰ MINAYO, 2002, p. 57.

²¹ MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSOS, R. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

²² MAGNANI, 1989, p. 52.

²³ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2009.

²⁴ GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. São Paulo: Vozes, 2000.

²⁵ GEBARA, 2000, p. 107.

²⁶ GEBARA, 2000.

²⁷ NUNES, Maria José Rosado. Gênero e a experiência religiosa de mulheres. In: MUSSKOPF, André; STRÖHER, Marga (Orgs.). *Corporeidade, etnia e masculinidade*. Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

a mulher na religião, como atuante, tem sido a luta consciente de muitas mulheres dentro da academia e entendemos que essa luta é, também, teórica.

Em 1920, Max Weber²⁸ distinguiu a religião em duas: uma para o homem, outra para a mulher. Segundo o autor, as religiões baseadas no ascetismo e racionalismo permitem a existência de líderes, heróis, profetas. Essas religiões estariam associadas aos homens. Já as religiões de caráter “mágico” são orientadas pelo amor, distantes da ação, e são associadas às mulheres. Em 1949, Simone de Beauvoir²⁹ desenvolveu, a partir do feminismo, a mesma afirmação de Max Weber³⁰. No capítulo “A mística”³¹, no livro “O segundo sexo”, a referida autora afirma que para a mulher o amor é sua suprema vocação. Tanto amar como ser amada é o desejo socialmente ditado para as mulheres. Por esse motivo, a mulher busca a experiência da religiosidade com fervor e intensidade, pois assim ela ama e é amada. Com o amor mútuo do ser sobrenatural, a mulher sente-se extremamente valorizada e, a partir disso, sente-se encarregada de uma missão, o que faz com que muitas mulheres preguem, ensinem e esperem. Segundo Beauvoir, “a mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que a salvação desça do céu onde reinam os homens (...)”³². Nesse sentido, em relação à espera, a tecelã algodão afirmou: “e que a gente tem respostas das nossas orações e então a gente pede algo, sabe, coisas boas, porque Deus dá respostas. Às vezes não é imediato, mas ele vai dando, né”³³.

Em 2001, Nunes³⁴ retomou a lógica escrita por Weber³⁵ e afirmou a distinção sexual estabelecida socialmente entre a religião: “às mulheres restaram as religiões mágicas, que incorporaram o erotismo e afastam da ‘ação do mundo’. Resultado: homens ativos, mulheres passivas, tanto na religião quanto na sociedade”³⁶. Não vamos aqui nos debruçar no sincretismo religioso presentes no Brasil atualmente, mas usaremos o argumento do pensamento mágico³⁷ escrito primeiramente por Weber³⁸, retomado por Nunes³⁹ e trabalhado na tese de doutorado da antropóloga Mexicana Lagarde⁴⁰.

²⁸ WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia da Religião*. São Paulo: LTC, 1982.

²⁹ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

³⁰ WEBER, 1982.

³¹ Segundo o dicionário de filosofia de JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, mística é o que diz respeito ao misticismo. Engloba caráter mágico, mistério e fascínio.

³² BEAUVOIR, 2009, p. 86-87.

³³ Tecelã Lã (26/06/2009).

³⁴ NUNES, Maria José Rosado. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Revista Pagu*, Campinas, n. 16, 2001.

³⁵ WEBER, 1982.

³⁶ NUNES, 2001, p. 5.

³⁷ Aqui abordaremos o pensamento mágico com base nas teóricas feministas: Marcela Lagarde, Maria José Rosado Nunes e Simone de Beauvoir. Entretanto, sabemos a importância de outras abordagens sobre esse pensamento, sobretudo na área da sociologia e antropologia, onde se destacam alguns teóricos, entre eles: Max Weber, Phillips Stevens Jr., Paula Montero, Lucien Lévy-Bruhl e Claude Lévi-Strauss.

³⁸ WEBER, 1982.

³⁹ NUNES, 2001.

⁴⁰ LAGARDE, Marcela. *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4. ed. Ciudad del México: UNAM, 2005.

Oitenta e quatro anos depois da afirmação de Weber, Lagarde⁴¹ vai nos dar algumas contribuições importantes para pensarmos em relação às mulheres e à religião, em especial quando desenvolve o argumento de um “pensamento mágico”. Aqui, a busca por um amparo e uma solução “vem das alturas”, como na forma de um milagre. Por aprender que a força vem de fora, dos outros, elas facilmente buscam fora de si mesmas as respostas necessárias para suas inseguranças e necessidades. A autora lista uma série de itens, os quais são mais lidos e frequentados pelas mulheres do que pelos homens, como, por exemplo, as cartas de tarô, a leitura dos horóscopos, a leitura das mãos e a frequência a círculos de orações e igrejas.

O “pensamento mágico” faz com que as mulheres acreditem no “milagre”, na força superior, na salvação das “alturas”. Para Lagarde⁴², o que faz as mulheres buscarem amparo e fé, resultado de um “pensamento mágico”, não é a incapacidade e falta de inteligência em buscar outras formas de pensamento, e sim porque o pensamento mágico sociocultural as impede de buscá-lo e fazê-lo.

Parece-nos que a experiência da religiosidade para as mulheres está ligada ao pensamento mágico, fazendo assim com que elas se “esvaziem”, lançando o “poder” ao outro, de preferência a um ser masculino. É um compasso de espera, omissão e alento vindo das alturas. Um homem cuida, resolve e soluciona os problemas e angústias. Sobre essa solução, vinda de algum outro lugar, e não da ação das mulheres, a tecelã Algodão nos diz que:

estou muito alegre porque meu trabalho está dando fruto, agora todas querem orar, pedir para Ele nos ajudar, Ele está nos enviando trabalho e a fé de todas está sendo acrescentada, eu estou fazendo o que Ele manda, eu estou semeando... A gente não é melhor do que ninguém que não é da Igreja, o que a gente precisa é ensinar a palavra para que todos venham como Jesus disse na palavra né... Ele nunca nos desamparou, Às vezes o nosso tempo não é o tempo de Deus, Amanda, a gente tem que esperar o tempo de Deus, tudo acontece quando Ele quer, da forma como Ele quer a gente tem que esperar⁴³.

A teologia e a educação das mulheres para a submissão aparecem como um discurso globalizante, universal.⁴⁴ Segundo Rosemary Ruether⁴⁵, a religião é sexista e promove um argumento que possibilita às mulheres empalidecerem seus caminhos, em detrimento a um Deus que é representado sempre no masculino. Também Fiorenza⁴⁶ indica instâncias que despotencializam os saberes das mulheres em detrimento aos ensinamentos teológicos androcêntricos. Todas essas autoras, porém, demonstram que há janelas, há subversões, há mulheres que não se conformaram, que levantaram a suspeita de que poderia ser diferente.

⁴¹ LAGARDE, 2005.

⁴² LAGARDE, 2005.

⁴³ Tecelã Algodão (20/10/2009).

⁴⁴ GEBARA, 2000.

⁴⁵ RUTHER, R. R. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

⁴⁶ FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.

Sobre as janelas de resistência, Eggert⁴⁷ afirma que: “(...) a religião talvez possa vir a ser um elemento de força e resistência a partir do desejo de liberdade, embora saibamos que, rapidamente, encontraremos elementos segregadores, que estimulam a subserviência”⁴⁸. Em vista disso, podemos pensar que o pensamento mágico, exercido pelas mulheres no cotidiano de suas religiosidades, e trazido como conhecimento científico por Lagarde⁴⁹, leva-nos a perceber uma elaboração complexa. É importante situarmos que dentro igreja Assembleia de Deus não há ídolos, imagens, amuletos, portanto a religiosidade exercida pelas mulheres deve ultrapassar os níveis do concreto e passar para uma reelaboração dessa abstração. Crer no impossível e tornar o impossível possível e real, para isso são necessárias outras formas de reelaboração. Logo, o pensamento mágico requer uma reelaboração complexa. Logicamente, essa “moeda” possui dois lados. Por um lado, considerando as questões acima referidas, podemos classificar esse pensamento como inteligente. Por outro lado, o pensamento mágico leva à dependência total do “outro”. Essa lógica tornou-se discurso no cotidiano do ateliê, quando a tecelã Algodão foi perguntada sobre os rumos do ateliê e como poderia ser resolvido ou que estratégia poderia ser utilizada na situação, ao que ela disse:

peguei as gurias e disse pra nós fazer uma oração, porque só quem podia ajudar nós era Deus, por mais que tenham coisas ruins e aconteçam coisas difíceis na vida, ele pode todas as coisa né e aquilo que é impossível para o homem e para a mulher é possível para ele. Daí eu disse aí gurias vamos fazer uma oração daí demos-nos as mãos em sinal de união né e oramos a Deus e pedimos assim: só o Senhor pode mudar a situação.⁵⁰

Ao que parece, na fala da tecelã Algodão há uma marcação de gênero no pensamento desenvolvido pelas mulheres, assim como de um pensamento mágico. Conseguimos imaginar um grupo de homens passando pela mesma situação e buscando por meio de orações a saída para seus problemas? Provavelmente iriam se reunir para discutir a situação. Ou, talvez, chamariam alguma consultoria? A questão posta não afirma que as mulheres buscam o pensamento mágico devido à falta de inteligência. Reforçamos o argumento de Lagarde⁵¹ de que as mulheres foram culturalmente ensinadas a pensar que o poder de mudança não está nelas e sim em um homem.

Embora o pensamento mágico esteja a todo instante na fala da tecelã Algodão, todas trabalham muito, acreditam que Deus vem ajudar e realmente acreditam nos milagres vindos das alturas, mas estão sentadas em seus teares trabalhando [fazendo o milagre acontecer!], sabem que o trabalho é necessário. A própria tecelã Algodão, em um de seus ensinamentos falou: “A gente precisa trabalhar aqui no ateliê,

⁴⁷ EGGERT, Edla. Trabalho Manual e debate temático: Tramando Conhecimentos na simultaneidade. In: NEUENFELDT, Eliane; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: Olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

⁴⁸ EGGERT, 2008, p. 85.

⁴⁹ LAGARDE, 2005.

⁵⁰ Tecelã Algodão (26/06/2009).

⁵¹ LAGARDE, 2005.

mesmo a gente não tendo muito pedido, a gente tem que continuar, os pedidos se a gente pedir Ele vai suprir”⁵².

Com base em sua capacidade de expressão e conhecimento bíblico, a tecelã Algodão transformou-se em uma liderança dentro do ateliê. Pelas manhãs, nenhuma tecelã começava a tecer sem o momento devocional. Em círculo, de mãos dadas, oravam e, depois, a tecelã Algodão escolhia uma palavra da caixinha dos versículos bíblicos e explicava seu significado para as demais colegas. Durante o dia, as mulheres procuravam-na para pedir conselhos e orações para alguma situação específica. Durante o tempo da observação participante, uma das tecelãs, grávida e muito preocupada com o parto e a saúde do seu bebê, procurou a tecelã Algodão, que logo se dispôs a lhe dar conselhos sobre esse momento: “Pode ficar tranquila que tudo vai correr como os planos de Deus, vou orar e pedir para Ele te guiar”⁵³.

Embora Algodão tenha falado não poder pregar na igreja, falou, também, durante muitos momentos, nas observações participantes, que no ateliê ela podia fazer isso, e que ela fazia e gostava do trabalho de “evangelização”, para que todos pudessem ir para a família de Deus.

O pastor diz que a gente não pode falar, isso por causa da palavra que diz que a gente tem que ficar quieta, tudo bem eu fico na igreja no meu canto, muito difícil eu dar um testemunho, mais aqui no ateliê eu me sinto muito usada pelo Espírito e por Deus é bem bom a gente pode fazer esse trabalho de ensinar a palavra para as pessoas, porque todas as pessoas precisam Dele.⁵⁴

Todavia, mesmo sabendo e ensinando o lugar da mulher como um lugar bastante submisso, Algodão se afirma no ateliê como uma liderança espiritual. Lá, ela desenvolve um lugar de poder que lhe é negado pelas relações desiguais de gênero existentes na igreja.

A produção da pedagogia da não formalidade entremeada no artesanato e na religião

Durante os últimos cem anos, a educação dos primeiros anos esteve atrelada à professora, quadro e giz. Tudo organizado em uma sala de aula, com cadeiras e mesas, alunos/as sentados/as para frente, com os olhos fixos na professora, e com o pensamento bem longe dali. Não é difícil pensar nessa realidade, porque, talvez, a tenhamos vivenciado. Aprendemos, com isso, a disciplina e a ordem escolar formal.

Nos anos 1960, Freire⁵⁵ vai denunciar e buscar o rompimento com a lógica educacional vigente e dominante. Para ele, a educação é sempre um ato político. De-

⁵² Tecelã Algodão, 2009.

⁵³ Tecelã Algodão, 2009.

⁵⁴ Tecelã Algodão, 2009.

⁵⁵ FREIRE, 2006.

fende que o ato educativo seja pautado na formação crítica dos educandos/as, o que ocorre por meio da problematização, da leitura do mundo, com o objetivo de levá-los/as ao que denomina processo de conscientização. Uma educação que acontece na relação de homens e mulheres entre si, mediatizados pelo mundo.

Segundo José Romão⁵⁶, para Freire não existe “a educação”, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seu saber, partilharem o que são. Sob esse princípio podemos pensar na educação em diversos espaços: debaixo de uma árvore, dentro de uma fábrica, dentro de casa, numa igreja, e por que não dentro de um ateliê?

Sem dúvida, Freire abre a discussão e a possibilidade sobre a educação não formal, logo a discussão entre educação formal, não formal está posta no bojo das discussões acadêmicas, talvez porque as fronteiras entre essas sejam tênues. Aqui não faremos uma conceituação prolongada sobre as educações ou as diferenças entre elas. Mas vamos conceituá-las conforme já pesquisado e elaborado por outros pesquisadores e pesquisadoras.

A educação formal inclui as práticas educativas realizadas em ambientes formais de ensino com a devida certificação dessa. Ela é desenvolvida em escolas, universidades, com conteúdos demarcados, currículo e avaliação. Na educação formal, os espaços são os do território das instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais do Ministério da Educação.

A educação não formal⁵⁷ é entendida como aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, e é desenvolvida através de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos. Essa educação é ensinada e aprendida ao longo da vida. Aprende-se, diferente da escola “formal”, “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nessa perspectiva, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais não formais de ensino. Essa educação é constituída por todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada.

Essas pedagogias não formais, realizadas em espaços não formais, vindas da experiência de vida, também podem ser nomeadas de pedagogias da clandestinidade

⁵⁶ ROMÃO, José. Educação. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

⁵⁷ A educação não formal é desenvolvida no decorrer da vida em espaços de socialização. Entendemos ser pertinente destacar aqui que não faremos uma distinção entre educação informal e educação não formal, isso porque não encontramos argumentos suficientes para realizar tal distinção. Para alguns a educação não formal é a educação da vida e a não formal, a realizada em locais não formais de ensino, como, por exemplo, as organizações não governamentais – ONGs. Aqui estamos trabalhando com a pedagogia da não formalidade, conceito proposto por Cunha e Eggert (2010). Esse conceito é entendido como formas de ensinar protagonizadas por pessoas que não possuem formação formal; esse conceito está ancorado na educação popular.

(Streck)⁵⁸, ou pedagogia da não formalidade (Cunha)⁵⁹. As pedagogias que ocorrem nos espaços não formais têm sido uma questão muito pesquisada dentro do nosso grupo de pesquisa. É a partir desse cotidiano que ocorrem muitos dos processos educativos de mulheres, e esses espaços não institucionalizados são constantemente atravessados por diversas instituições, formais ou não (Cunha)⁶⁰. Para Brandão⁶¹, ninguém escapa da educação, seja ela formal ou não formal; em vista disso, podemos afirmar que o processo de ensino e aprendizagem religioso que ocorre no ateliê não é algo inédito.

A pedagogia da não formalidade liderada pela tecelã Algodão começou em um momento financeiro crítico no ateliê: não havia pedidos e, sem produzir, as tecelãs ficavam sem salário. Assim, no momento da angústia e falta de esperança, a partir das tecelãs que sabiam que a tecelã Algodão era da Assembleia de Deus, iniciou-se o processo pedagógico de ensino e aprendizagem. O processo foi desenvolvido e mantido pela tecelã Algodão, com o apoio das demais tecelãs. Conforme suas palavras:

É, tudo surgiu assim né? Porque a gente tem se reunido todas as manhã, né? Antes do café da manhã é sagrado, a gente pega tira uma palavra, uma palavra ali da Bíblia, né? E a gente agradece, sabe? A gente aprendeu a agradecer, assim, eu creio que Deus, sabe, o sagrado, quando a gente na dificuldade, né? Quando a gente não tem trabalho, quando vem um trabalho que é difícil de fazer que nem os couro, né? A gente agradece a Deus, então a gente aprendemos assim a orar e agradecer: Senhor muito obrigado né? Pelos clientes que o Senhor tem enviado. Porque tudo é no controle de Deus, sabe? Eu creio que aquela força superior que como muitos chamam, né? Mas pra mim é mais, eu creio né? Deus que move todas as coisas e a gente aprendeu a agradecer: Senhor, muito obrigado pelos couro. Agradecemos quando vem, quando termina que gente está exausta, cansada e as vezes, muitas vezes a gente até murmura: ai mais que coisa ruim, como é difícil. Mas a gente pede, e é difícil mesmo, né? Mas a gente agradece: ai Senhor, Senhor nosso Deus me perdoa porque a gente murmurou, mas graças lhe dou, né?⁶²

Nesse processo, que acompanhamos durante quase um ano e meio, no momento devocional instituído por elas, observamos que a religião, através da tecelã Algodão, trouxe conforto, esperança, calma e o reforço de que, nesse ambiente, todas são uma família. As tecelãs apontaram esse como o melhor momento do ateliê, mesmo com poucos pedidos. A fala de uma das tecelãs ilustra:

⁵⁸ STRECK, Danilo. A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas? *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

⁵⁹ CUNHA, Aline Lemos. “*Histórias em múltiplos fios*”: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil); e BERMÚDEZ, Capitán. (*Sta. Fe – Argentina*) (*re*)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2010.

⁶⁰ CUNHA, 2010.

⁶¹ BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo. *Pesquisa Participante*. O saber da Partilha. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

⁶² Tecelã Algodão, 2009.

Eu acho que todas, todas tão com o mesmo pensamento em relação ao trabalho, em relação a convivência (.), uma entende a outra sabe? A gente não precisa, que eu quer o falar assim, a gente não precisa ter dedos pra falar com ninguém. A gente, todas nós amadurecemos em relação ao trabalho, a convivência, a tudo, né? A gente foi amadurecendo. Uma aprende no olhar da outra se tu pode fazer uma brincadeira com aquela pessoa ou não, né? E Hoje em dia a gente pode brincar e falar de qualquer coisa. E pra mim, realmente é a melhor fase do atelier (.) é a melhor fase no trabalho também, não pelo volume de trabalho, mas pela estabilidade que ele tem, pra nós é, entendeu? Ai, claro a gente fica com medo, ai, que nem as vezes no começo, ai a gente não vai ter serviço, né? Ó gurias não vai ter serviço. Daí a gente, dali um pouco as coisas acontecem, numa forma que a gente não sabe explicar. E vem muito serviço (.), né? A gente não, vamo, né? Até muitas vezes a tia diz a vamo confia e vamo aguarda.... Pra mim é a melhor fase.⁶³

Nessa melhor fase do ateliê, segundo relato das tecelãs, elas apontaram a tecelã Algodão como sendo muito importante. A tecelã Lã comentou que: “é bom pra gente ter alguém pra conversar, pra nos ensinar, porque eu não sabia nada dessas coisas de religião e de Deus, aí tô aprendendo e to gostando, me faz bem sabe?”⁶⁴ Quando as tecelãs desanimavam por algum motivo, lá está Algodão com uma palavra de esperança: “(...) gente tem respostas das nossas orações e então a gente pede algo sabe, coisas boas, porque Deus da respostas. Às vezes, não é imediato, mas Ele vai dando né”⁶⁵. Com ou sem o reforço da tecelã Algodão, as demais viam seu trabalho de forma muito positiva, que contribuiu para o bom andamento do ateliê e de suas vidas pessoais. “Mesmo que a gente tá mal, a gente pode falar com Algodão e fazer a oração, isso é bom, faz bem pra nós, sabe?”⁶⁶

Quando, porém, a tecelã Algodão propôs os ensinamentos sobre as mulheres, temos um impasse: as tecelãs em grande parte não concordam com os ensinamentos sobre as mulheres, ou discordam em parte, mas como a Algodão é muito bem vista pelo grupo, é difícil observar totalmente as não concordâncias sobre o assunto. Em uma entrevista, Algodão falou sobre os ensinamentos da Bíblia para o feminino:

a bíblia fechada é só um livro, aberto, ele ensina sobre tudo, aqui tento dar todos ensinamentos pras gurias mas elas querem os bons, os que Deus vai ajudar e essas coisas boas e tem outras coisas que não consigo muito bem trazer pra cá (...) sobre as mulheres a bíblia diz pra se submissa, respeitar os maridos porque eles são os sacerdotes do lar essa é a verdade, e até assim as roupas a gente tem que tê uma forma de ser que é mais tranquila mais silenciosa, no pouco falar a gente até peca menos, eu digo pras gurias agente tem que trabalhar porque diz a palavra contra a preguiça Deus manda o preguiçoso ter com a formiga porque ela trabalha sabe? A gente peca menos quando a gente trabalha⁶⁷.

⁶³ Tecelã Seda, 2009.

⁶⁴ Tecelã Lã, 2009.

⁶⁵ Tecelã Algodão, 2009.

⁶⁶ Tecelã Lã, 2009.

⁶⁷ Tecelã Algodão, 2010.

Durante uma das observações participantes, a tecelã Palha falou que “lá em casa, homem não manda!” Com voz suave, Algodão passou a falar para todas, enquanto teciam, que a mulher tem que ser ajudadora e o homem o sacerdote. Do outro lado da sala, a tecelã Seda disparou: “Aí, aí Algodão, lá em casa não tem nada disso não, lá quem manda so eu, eu mesmo! Imagina esse aí não dá, Algodão”⁶⁸. Do outro lado da sala, a tecelã Algodão percebeu que, dessa vez, o ensinamento não poderia seguir adiante: “Pois é, amém, em tudo diga amém”⁶⁹. E a tecelã Seda, a mais falante de todas, encerra a conversa: “é isso e amém é o final... o final da oração então essa acabou né Algodão... risos”⁷⁰.

Durante os momentos devocionais, Algodão fez algumas tentativas de introduzir ensinamentos sobre as mulheres, que todas escutavam. Após o término da devocional, iam para seus teares e, às vezes, comentavam alguma coisa sobre o ensinamento. Em uma manhã, a tecelã Lã falou baixinho para a tecelã Seda: “prefiro quando a palavra e a oração é sobre outras coisas que nos traz assim paz pra trabalhar, eu não sei quem é que manda lá em casa, mais eu retruco com meu marido, sabe? Não deixo assim barato não”⁷¹.

Durante uma das entrevistas, Algodão falou sobre a mulher e suas funções no lar:

A mulher sábia edifica seu lar, mas a tola derruba com suas mãos, o que é isso né? E essa mulher da bíblia trabalha muito, à noite ela prepara o trabalho, botam a lã na roca, ficam trabalhando e também cuidando do lar, a mulher precisa organizar e arrumar seu lar isso também é edificar tipo também obedecer o marido sabe? Não pro mal, mais é que a bíblia diz...o homem é o sacerdote ele manda no lar, mais ele não pode bater sabe essas coisas são pecado e não pode na bíblia cada um homem e mulher tem seu trabalho.⁷²

Quando perguntei como ela percebia suas falas no ateliê, se a mulher precisa ficar mais em silêncio, ela argumentou:

a mulher é ajudadora, dizem que mulher não pode pregar porque está lá no novo testamento, mas no velho testamento tinha uma juíza! Então ela tinha que falar, é por isso que eu falo porque Deus manda e também tem a Rute, Débora e Ana um monte de mulheres valorosas e também corajosas sabe que falavam, mas tem que ser temente a Deus e nunca esquecer que somos ajudadora às vezes é difícil entender a palavra sabe? Mas ta escrito lá... então eu vou continuar falando com as gurias devagarzinho quando o Espírito manda.⁷³

⁶⁸ Tecelã Seda, 2010.

⁶⁹ Tecelã Algodão, 2010.

⁷⁰ Tecelã Seda, 2010.

⁷¹ Tecelã Lã, 2010.

⁷² Tecelã Algodão, 2009.

⁷³ Tecelã Algodão, 2009.

Nos ensinamentos sobre a mulher, encontramos os adjetivos: ajudadora, sábia, trabalhadora, edificadora, obediente, calma, silenciosa. Além de transmitir ensinamentos no momento devocional e em conversas informais, por vezes ela procurava alguma tecelã e falava diretamente com ela algo que estava sentindo que devia falar ou que Deus mandou falar, como ela contou em uma entrevista sobre sua conversa com a tecelã Linho.

Eu acho que Deus só tem um, o nosso Deus é o mesmo. E agora todas as manhãs, agora eu falei umas palavras com a tecelã Linho que estão escritas na Bíblia que nem foram minhas, ta escrito ali mesmo: que Deus fecha uma porta mas abre outra. E tem coisas que acontecem na vida da gente que se acha que é ruim que é péssimo mas tem algo melhor pra vir pra frente muitas vezes a gente ta acomodado numa situação e aquilo não é bom pra gente e Deus quer algo melhor. A tecelã Linho tem um dom maravilhoso que é a criatividade que Deus deu a ela, é um dom de Deus, ali que fala que antigamente as mulheres faziam peças nas roca e fala nos provérbios das mulheres sábias então isso ai é um animo pra tecelã Linho.⁷⁴

Algodão transmitia os ensinamentos para o feminino aprendido na Assembleia de Deus no cotidiano do ateliê de muitas formas, conforme já descrito anteriormente. No entanto, as tecelãs resistiam a esses ensinamentos, preferindo os outros relacionados à ajuda, ao bem-estar e à esperança. Em vista disso, os ensinamentos que mais repercutiam dentro do ateliê não eram os ligados a gênero, e sim os de esperança e fé em Deus. Todavia, Algodão permaneceu trabalhando, a fim de conseguir que as colegas acolhessem tais ensinamentos. Por outro lado, ao que nos parece, um dos ensinamentos que mais marcou as tecelãs é o pensamento mágico: a ideia de que alguém das alturas vem para ajudar. Esse pensamento permitiu que Algodão permanecesse com a liderança, porque tal pensamento produzia alento e esperança.

Considerações finais

Segundo Adilson Schultz⁷⁵, quem estuda religião deve estar preparado/a para dois movimentos importantes: O primeiro é de profundo respeito, de quem está pesquisando com os exercícios de fé das pessoas que estão sendo pesquisadas. O segundo é o contentamento com a parcialidade, tanto de quem pesquisa como de quem lê. Ainda acrescentaria mais um item: estar preparada para as ambiguidades encontradas no percurso da empiria.

Nossa empiria esteve sempre com a postura respeitosa diante dos exercícios de fé dentro do ateliê. Participávamos das orações, ouvíamos as palavras e estávamos atentas às explicações da tecelã Algodão.

⁷⁴ Tecelã Algodão, 2009.

⁷⁵ SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente: o diabo está no meio: protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*. 2005. Tese (Doutorado) – Teologia, Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo, 2005.

Iniciamos esta pesquisa com a suspeita de que fiéis das igrejas (principalmente a Assembleia de Deus – que foi objeto desta pesquisa) ensinam o que aprendem na igreja nos locais por onde transitam. Essa suspeita foi confirmada nesta pesquisa: Fiéis da Assembleia de Deus ensinam.

No cotidiano de suas vidas está a função de serem bons cristãos e boas cristãs e, para propagar os ensinamentos da igreja, é fundamental levar mais pessoas para a igreja, a fim de levar conforto e ajuda para outras pessoas.

Entendemos que, ao levar a discussão de religião para o campo da educação, estamos abrindo uma possibilidade de que o campo da educação perceba o quanto a religião ensina e reafirma seus ensinamentos. Logo, percebemos que o campo da religião também deve ser olhado e analisado pela educação, pois essas instituições produzem pedagogias.

Como repercutem os ensinamentos ligados às questões de gênero aprendidas pela tecelã Algodão na Assembleia de Deus no cotidiano do ateliê? Algodão reforça os ensinamentos ligados a gênero aprendidos na Assembleia de Deus através dos rituais já descritos nesta dissertação: submissão, silêncio, obediência. A partir do “pensamento mágico”, as demais tecelãs gostam do resultado dos ensinamentos da tecelã Algodão. Elas descrevem esse como o melhor momento do ateliê e que os ensinamentos da tecelã Algodão dão a todas um sentimento de esperança. Em contrapartida, ela mesma, Algodão, põe esses ensinamentos em xeque-mate ao se firmar como liderança dentro do ateliê.

A tecelã Algodão transmite os ensinamentos da igreja, sobretudo os ligados a gênero, durante o momento devocional e no decorrer do dia, ao ser procurada por alguma tecelã. As tecelãs gostam dos ensinamentos, porque encontram conforto, esperança, mas, em muitas ocasiões, as tecelãs resistem ao ensinamento para o silêncio e à submissão. Em contrapartida, o ensinamento referente ao pensamento mágico parece muito bem-vindo para as tecelãs, e afirmam que a tecelã Algodão reforça o ateliê como uma família.

Sabendo, conforme Frei Beto, que nossa cabeça vai onde nossos pés pisam, na caminhada desta pesquisa nossos pés estavam dentro de um ateliê de tecelagem e dentro da academia. Logo, nossa pesquisa foi escrita, simultaneamente, pisando e pensando nesses dois lugares distanciados pelo conhecimento formal. Para isso, tentamos trabalhar com o som dos teares num compasso entre os dois lugares, tecendo tramas visíveis e invisíveis, tendo como base o cotidiano ordinário de mulheres. Ordinário, pois nos leva ao cotidiano, à epistemologia do cotidiano tramada pelas mulheres e homens ao longo da vida (Gebara)⁷⁶, um cotidiano por vezes difícil e marcado por gênero, classe social, raça, religião.

O cotidiano das mulheres foi marcado como sendo para o mundo privado invisibilizado. Várias instituições marcam o lugar da mulher como sendo de “menor saber”, “menor poder” e “menor querer”, portanto muitas instituições marcam o dis-

⁷⁶ GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT; BERGESCH; PARLOW (Orgs.), 2008.

curso da sociedade de como deve ser a conduta e o comportamento da mulher, os ensinamentos sobre o feminino, com base na desigualdade entre os sexos.

Concluimos que não podemos apontar somente uma instituição como responsável pelo lugar destinado às mulheres ao longo dos séculos, pois tais desigualdades estão presentes na política, na escola, na família, na mídia. E, cada vez mais, por meio dos estudos feministas, tem sido possível esquadrihar e denunciar tais pedagogias, legitimadas através de diversas instituições sociais. Entre essas instituições encontramos a igreja, que na sociedade vigente segue marcando, significativamente, o lugar da mulher como sendo de submissão, obediência e silêncio. Esses ensinamentos são marcados na Assembleia de Deus com base na Bíblia, através da hermenêutica do “clero”, firmado com os padrões de gênero normativos, em que a mulher é destinada ao silêncio, obediência e submissão ao masculino. Logo, as mulheres estão “abaixo” da hierarquia dessa instituição religiosa.

Dentro do ateliê, vemos uma mulher que no seu cotidiano ordinário se firma nesse lugar, mas um lugar clandestino e à margem da instituição religiosa formal. E, nesse lugar, ela é uma forte líder espiritual. Sua liderança traz conforto ao grupo de tecelãs e reforça as relações de afeto dentro do ateliê. Essa mulher, que desafia a igreja dentro do ateliê, ensina para as demais colegas o “lugar” que a igreja marca para o feminino, sobre esses ensinamentos as demais tecelãs discordam. Em vista disso, percebemos dentro do ateliê os paradoxos entre gênero e religião: a tecelã Algodão orava, pregava, fazia hermenêutica dos textos bíblicos lidos, aconselhamentos, e era procurada pelas demais para receberem conforto, conselhos e orações. E, para além de todas essas questões que a afirmavam como uma liderança no cotidiano do ateliê, ela ensinava. Aqui encontramos algo interessante: ao mesmo tempo em que ela desafiou a lógica hierárquica da igreja e de seus ensinamentos sobre a submissão e o silêncio das mulheres, pois exerceu a liderança e fez o que não lhe era permitido no espaço do ateliê, ela também, de certa forma, ensinou um conteúdo patriarcal, mas que foi, em parte, rejeitado pelas colegas tecelãs. Portanto ela não fazia o que o pastor e a Bíblia mandavam, mas *ensinava* o que o pastor e a Bíblia ensinavam!

Assim percebemos a dicotomia entre religião e mulheres. A tecelã Algodão sai do “lugar” marcado para ela estar, mas ensina esse “lugar” para as demais mulheres, que não recebem tais ensinamentos de forma passiva. Em vista disso, as implicações no ateliê se dão de forma ambígua, trazem conforto, esperança e confiança a partir do pensamento mágico descrito pelas autoras citadas acima, e firma a tecelã Algodão como sendo a protagonista de uma pedagogia da não formalidade, fazendo teologia a partir das margens.⁷⁷

⁷⁷ EGGERT, Edla. *Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcrita)*. 1998. Tese (Doutorado) – Teologia, Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, 1998.